

Folha de S. Paulo

25/5/1985

Empresários criticam o caráter do movimento

Da Reportagem Local

A greve dos cortadores de cana na região de Ribeirão Preto (SP), a 319 quilômetros de São Paulo, está sendo considerada essencialmente política pelos empresários do setor. Menesis Balbo, 58, diretor das Usinas Sto. Antônio e São Francisco, de Sertãozinho, a 349 quilômetros de São Paulo, e membro da comissão de negociação com os trabalhadores, acha que as questões econômicas foram praticamente resolvidas, como mostra um estudo da Fetaesp — Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado de São Paulo publicado ontem.

Disse o usineiro: "Por isso julgo que é uma greve muito mais política do que econômica e se fixa na questão do pagamento por metro. E essa é a razão pela qual fomos para a Justiça e aguardaremos o julgamento no início da semana que vem".

Balbo acha que não será possível aumentar muito mais os valores já propostos, uma vez que foi oferecido o INPC pleno e mais 7%, "coisa que nenhum outro setor fez até agora". Embora reconhecendo que as greves têm sido pacíficas, Balbo não julga que seja o melhor método de negociação e que o impasse só surgiu quando se esgotaram todos os esforços, depois de quase sessenta dias de diálogo com a Fetaesp.

Gustavo Simione, 33, diretor da Usina São Geraldo, também em Sertãozinho, afirma que a questão do metro linear não é uma novidade: há vários anos sua empresa vem empregando esse sistema de pagamento, mas não da forma como os trabalhadores estão exigindo. Disse ele: "De fato, é melhor para o trabalhador saber com certeza quanto ele vai ganhar cada dia, coisa que pode não acontecer quando o pagamento é feito exclusivamente por tonelada. Agora, o sistema não pode ser a fixação de um preço único por metro cortado para cada grupo de idades da cana. Isso seria injusto até mesmo para o trabalhador, pois se ele for cortar uma cana de melhor produtividade, mais densa, de maior peso, ele vai cortar menos metros, trabalhar mais e ganhar menos."

A proposta de Simione, que foi também a dos empresários durante o dissídio, baseia-se segundo ele, num trabalho que foi desenvolvido em conjunto com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Sertãozinho. "Fizemos inicialmente uma espécie de tabela, convertendo metros em tonelada, levando em conta a produtividade média de cada talhão."

(Primeiro Caderno — Página 12)